



“Calçando as luvas”: primeiros comentários sobre a formação do boxe gaúcho (Porto Alegre, 1920).

Jônatas Marques Caratti*

Resumo: Nos últimos anos tem se multiplicado os estudos sobre a História do Esporte: Turfe, Remo, Atletismo, Futebol, dentre outros. Importantes sociólogos como Norbert Elias e Pierre Bourdieu, deram relevo a estes assuntos em seus livros. No Brasil, desde a década de 1990, Victor de Melo (UFRJ), tem investido em investigações neste ramo e recentemente publicou um livro com Mary Del Priore, intitulado *História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. Quero apresentar minhas primeiras impressões a respeito de uma nova pesquisa que tenho realizado: a história do boxe. Meu foco de análise são as trajetórias de pugilistas negros em Porto Alegre, nas primeiras décadas do século XX. A proposta desta comunicação é apresentar algumas informações acerca do Esporte em Porto Alegre, a gênese do boxe e algumas fontes de pesquisa, localizadas no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa e no Arquivo da Federação Rio-Grandense de Pugilismo.

Palavras-chaves: Esporte. Boxe; Pugilistas. Negros.

Abstract: In recent years if it has multiplied the studies on the History of the Sport: Turfe, I row, athlete of races, Soccer, amongst others. Important sociologists as Norbert Elias and Pierre Bourdieu, had given relief to these subjects in its books. In Brazil, since the decade of 1990, Victor de Melo (UFRJ), he has invested in inquiries in this branch and recently he published a book with Mary Del Priore, intituled History of the Sport in Brazil: of the Empire to the current days. I want to present my first impressions regarding a new research that I have carried through: the history of boxe. My focus of analysis is the trajectories of black pugilistas in Porto Alegre, in the first decades of century XX. The proposal of this communication is to present some information concerning the Sport in Porto Alegre, birth of boxing and some sources of research, located in the Museum of Hipólito Communication Jose da Costa and in the Archive of the Federacy Rio-Grandense of he Boxing fighters.

Keywords: Sport. Boxing. Fighters; Black.

* Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Atualmente é professor de História, de 5º a 8º série, no Colégio Adventista Marechal Rondon, Porto Alegre.



1. Introdução: a Trajetória de uma pesquisa

Em 12 de março de 2011, o esporte gaúcho acordou de luto. No dia anterior, um jovem pugilista negro, chamado Tairone Silva, de 17 anos, foi assassinado com dois tiros por um policial militar na cidade de Osório. Segundo informações de amigos do boxeador, o policial tinha inveja da brilhante carreira que o jovem conquistava (com título nacional e sul-americano), e dizia que “esse negrinho não vai ser ninguém na vida”.¹ O sonho de Tairone de disputar as Olimpíadas de 2016 no Brasil acabou precipitadamente.

Diversos jornais do país relataram essa comovente história. Quando li essa notícia, logo me recordei dos personagens negros que investiguei no mestrado.² Eles lutavam, igualmente, contra uma sociedade excludente, racista e intolerante. Sim, eles viveram em outra época, em meados do século XIX, mas era impossível naquele momento dissociar suas histórias.³

Uma semana antes da morte de Tairone, me inscrevi numa academia de boxe em Porto Alegre. Era para ser apenas uma atividade física, uma maneira de se manter em forma, de superar as longas e duras jornadas de trabalho de um professor de História. Naqueles dias pesquisei na internet informações a cerca do boxe brasileiro e gaúcho, e foi quando me deparei com a triste história do pugilista negro de Osório.

Incentivado por meu treinador, visitei a Federação Rio-Grandense de Pugilismo e lá encontrei um rico e vasto arquivo sobre a história do boxe gaúcho. Eram fotos, recortes de jornais, revistas, atas administrativas, troféus, dentre outras fontes. Mas algo me chamava a atenção. Nas fotos, velhas e enrugadas pelo tempo, os negros eram a maioria. E não somente dentro do ringue, mas fora dele também. Daí surgiu o interesse em elaborar este projeto. Percebi que os atentos olhares em volta do ringue, as cervejas postas nas mesas, as roupas que

¹ Notícia apresentada pelo Jornal do SBT, no dia 13 de março, informações obtidas por seu técnico, Anildo Pereira, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=CwSdEuJnJd8>.

² CARATTI, Jônatas Marques. *O solo da liberdade: as trajetórias da preta Faustina e do pardo Anacleto pela fronteira rio-grandense em tempos do processo abolicionista uruguaio (1842-1846)*. Dissertação de mestrado. PPG em História da UNISINOS, 2010.

³ Na época em que havia escravidão no Brasil (1888), os cativos estabeleciam laços de solidariedade dentro de uma comunidade, buscando restabelecer os costumes perdidos com a travessia do Atlântico. Segundo Mintz e Price, “diversas culturas africanas não puderam ser trazidas nos navios negreiros”. Isso significa, que ao chegarem ao Novo Mundo, (segundo o espaço e a relação senhorial o permitia) aos poucos foram reorganizando suas vidas. Creio que num período pós-abolição, isso tenha continuado e os negros tenham se organizado e criado espaços que garantissem sua existência. MINTZ & PRICE, 2003, p. 113.



apesar de surradas pareciam ser as melhores que tinham, tudo apontava para uma única coisa: o boxe em Porto Alegre era negro.

No entanto, eram anônimos. O que fazer? Centenas de pugilistas negros, suas famílias, seus amigos e convidados, estavam ali dentro daquele arquivo e podiam estar fadados ao desaparecimento. Atualmente, cada pugilista que se empenha na dupla função de trabalhar e lutar, não conhece a origem do boxe gaúcho, não tem referências dos primeiros pugilistas, não tem inspiração. E, por consequência, não tem identidade. Afinal, seria Tairone Silva daqui alguns anos também esquecido e tornar-se mais um anônimo na História?

O problema que surgiu somando todas as experiências acima descritas foi o seguinte: qual a participação os pugilistas negros na formação o boxe no Rio Grande do Sul? Inicialmente, lutavam de maneira clandestina, com algumas lutas de exibição que ocorriam no porto de Porto Alegre, entre marinheiros que ali chegavam, na década de 1920. Mas quem organizava essas lutas? Como a polícia se manifestava em relação a isso, já que eram ilegais?

Para além de seu surgimento, como os pugilistas negros participaram da estruturação deste esporte de destaque? Sua consolidação, ocorreu entre as décadas de 1940 e 1950, com a fundação da Federação Rio-Grandense de Pugilismo em 1944 e a construção de três estádios de lutas em Porto Alegre.⁴ As “famosas noitadas” de boxe eram atentamente informadas por jornais, rádio e televisão. Que agentes sociais participavam deste relevo do boxe?

E, por fim, como os pugilistas negros se viram com declínio do boxe, em meados de 1960 e início de 1970? Por que o boxe hoje está decadente, não só no Rio Grande do Sul, mas no Brasil e no mundo? Por que uma Federação mal consegue guardar sua memória entre as sujas e tortas estantes de seu pseudo-arquivo? Por que os pugilistas não conseguem viver do boxe e precisam treinar e trabalhar de forma paralela?⁵

Dentro de todas essas inquietações sobre o esporte, sobre o boxe, estão os pugilistas negros. Aqui se localiza o centro de minha pesquisa. A compreensão da questão racial num esporte marginalizado. Surgem perguntas: Por que eram a maioria? Lutavam por não encontrarem espaços nos demais esportes elitistas de Porto Alegre, como o Turf, o Tênis e o Futebol? Na época de consolidação, o boxe já estava bem organizado. O que significava para

⁴ Além disso, o boxe porto-alegrense vivia um momento de enorme atividade, existindo várias competições movimentando a cidade: as semanais olimpíadas populares do Prof. Salgado, envolvendo provas de corridas, levantamento de peso, cabo de força, jogo de pulso e boxe; o Cinturão de Ouro, organizado pelo jornal Diário de Notícias e o que chegou a construir um estádio na esquina da Av. Farrapos com São Pedro; e os Campeonatos Populares, organizados pela Folha da Tarde.

⁵ O recorte temporal escolhido está de acordo com os objetivos da pesquisa: formação (décadas de 1920 e 1930); consolidação (décadas de 1940 e 1950) e declínio (meados de 1960 e início de 1970).



os negros aparecerem nos jornais? E os milhares de aplausos fora do ringue, a sua imagem na televisão, e os cumprimentos de reconhecimento no dia posterior da luta? E quando surgiu o declínio do boxe, na década de 1960, para onde foram esses negros?

O objetivo principal desta pesquisa será analisar as vivências de pugilistas negros durante a formação, a consolidação e o declínio do boxe gaúcho, entre os anos de 1920 e 1970, na cidade de Porto Alegre. Acredito que apesar deste ser um trabalho que se concentra na temática do Esporte, que investigará a história do boxe, o que será priorizado é a construção de trajetórias de pugilistas negros: questões raciais e de identidade⁶, suas carreiras, preparação para as lutas, relações com empresários, familiares, construção de redes sociais, dentre outros aspectos. Esclareço isso, porque creio que esta pesquisa irá contribuir para sabermos mais não somente sobre o esporte, mas sobre o Rio Grande do Sul e também o Brasil.

Na História do esporte gaúcho existe uma lacuna historiográfica. Não existem trabalhos que versem sobre as diversas práticas esportivas em Porto Alegre, no início do século XX. Por isso, não há como falar com propriedade sobre o boxe, como um esporte, sem antes percebê-lo em sua totalidade. A ideia é investigar as diversas modalidades esportivas com o fim de perceber a importância do boxe de forma mais ampla.

Por algumas fontes já trabalhadas descobri que antes da projeção de filmes em cinemas de Porto Alegre, os melhores lances das disputas pelos títulos mundiais eram reproduzidos, para delírio dos expectadores. Neste sentido, teria havido influência externa para a formação do boxe gaúcho. Um dos objetivos será investigar essa influência, focando no boxe norte-americano e europeu, já que este esporte já era forte desde o século XIX. Além disso, a própria prática do boxe chegou primeiramente em outros estados, como São Paulo e Rio de Janeiro. Como este boxe influenciou o pugilismo gaúcho?

Ainda dentro dos objetivos sobre a formação do boxe gaúcho, irei pesquisar como as autoridades policiais coíbiam e repreendiam as lutas de boxe que ocorriam ainda de forma clandestina (décadas de 1920 e 1930). Em São Paulo, por exemplo, no ano de 1924 um pugilista negro chamado Benedito dos Santos, o “Ditão”, sofreu um derrame após uma seqüência pesada de socos. Naquele ano ainda não havia divisões de peso (mosca, galo, pena,

⁶ O boxe é um excelente esporte para se perceber questões raciais. A luta entre Joe Loius (afro-americano) VS Max Schmeling (alemão), que ocorreu em 1936, é grande exemplo disso. Os norte-americanos, ao invés de torcerem pelo pugilista negro Joe Loius, preferiram “manter sua proteção da superioridade masculina branca e do nacionalismo branco”, e apostar na vitória do alemão Max Schmeling. Para os norte-americanos era preferível apoiar um branco estrangeiro, a um afro-americano. Ver: GRAHAM, 2008, p. 98



médio, pesado, etc), e “Ditão”, que possuía pouca experiência, acabou morrendo.⁷ Esta fatalidade levou a proibição do boxe e a perseguição por parte das autoridades. Outro objetivo ainda é analisar o perfil destes primeiros boxeadores, suas profissões, moradias, buscando entender seu universo social.

Em relação à consolidação do boxe, o objetivo será investigar a trajetória da Federação Rio-Grandense de Pugilismo, fundada em 1944. Em São Paulo e Rio de Janeiro já havia federações desde meados da década de 1930. No caso do Rio Grande do Sul, é importante pesquisar os primeiros sócios, membros da direção, treinadores e pugilistas. Quando o boxe entra em evidência, principalmente a partir de 1950, vários meios de comunicação informam a sociedade sobre horários e locais das lutas, além dos confrontos entre pugilistas. Quero compreender também o impacto da imagem do pugilista negro para a sua própria comunidade, além de situações limite, como o racismo, muito presentes naquela sociedade.

No que tange ao declínio do boxe, irei investigar os motivos sócio-econômicos que levaram sua decadência principalmente no início de 1970. Isso não ocorreu somente em Porto Alegre, mas em todo Brasil. Principalmente, articular com transformações que o mundo viveu naquele período histórico.⁸ Outro objetivo é perceber como os pugilistas negros se viram neste momento de declínio. A luta livre, também conhecido como *catch*, foi o destino de muitos ex-boxeadores. Portanto, essa mudança de um esporte olímpico, sério e profissional, para uma luta onde o indivíduo fantasiava-se (de tigre, de Hércules, etc.), sem falar na falsidade das lutas, pode ter batido de frente com a honra destes ex-pugilistas. Resumindo, o objetivo central é investigar a trajetória de pugilistas negros em três fases do boxe gaúcho: formação, consolidação e declínio. Em cada fase existem objetivos específicos, não menos importantes, mas que servirão de base para a construção de uma tese sobre o boxe gaúcho.

2. O Que Já Foi Escrito Sobre o Esporte e o Boxe?

A História do Esporte é um campo de investigação relativamente novo na historiográfica. Pode-se dizer que somente a partir da década de 1970, na França, com a

⁷ ZUMBANO, 1951, p. 24.

⁸ As mudanças vivenciadas durante a década de 1960 podem ser responsáveis por este período de declínio do boxe, um esporte altamente técnico. Leonardo Brandão ao pesquisar esportes radicais como, skate, snowboard, surf, asa-delta, pensa que a década de 1970 vai ser muito propícia para a consolidação destes esportes, já que aquela geração buscavam modalidades que ultrapassem seus próprios limites. BRANDÃO, Leonardo. O esporte e a escrita da história: novos desafios. In: CES Revista, v. 24, Juiz de Fora, 2010.



revolução historiográfica, quando novos problemas, objetos e métodos surgiram para o historiador, é que o *desporto* tornou-se atraente.⁹ Sociólogos como Norbert Elias e Pierre Bourdieu deram atenção ao tema, demonstrando que o esporte poderia ser uma chave para compreensão das relações de força estabelecidas por uma sociedade estudada.¹⁰

No Brasil, a produção acadêmica sobre o esporte surgiu a partir da década de 1990, principalmente pelos trabalhos de Victor de Andrade Melo. Sua tese, defendida em 1999, intitulada “*Cidade Sportiva: os primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro*”, foi um marco que permitiu a reunião de diversos pesquisadores sobre o esporte no Brasil. Neste mesmo ano, a Revista Estudos Históricos publicou um dossiê sobre o Esporte e o Lazer, em que artigos versavam sobre vários esportes, dentre eles, o remo, o basquete e o futebol.¹¹

No caso do futebol, é a prática esportiva que mais tem recebido destaque. Nas próprias palavras de Victor de Melo

...houve tempo em que falar em História do Esporte no Brasil praticamente significava falar de história do futebol [...] O quadro está mudando alvissareiramente, mas permanecem numerosos os temas, modalidades esportivas e práticas corporais que requerem maior atenção e investimento dos historiadores brasileiros.¹²

O boxe é um destes exemplos em que “numerosos temas [...] requerem maior atenção”, já que segundo meu levantamento em vários programas de Pós Graduação em História, Antropologia, Sociologia e Educação Física (UFRGS, USP, UFRJ, dentre outros) há poucos trabalhos sobre esporte, alguns sobre futebol, e nenhum sobre o boxe.¹³ Voltando a produção de Victor Melo, pode-se dizer que atualmente é o autor que mais tem investigado o esporte.¹⁴

⁹ Segundo Burke, “Práticas” é um dos paradigmas da Nova História Cultural: a história das práticas religiosas e não da teologia, a história da fala e não da lingüística, a história do experimento e não da teoria científica. Graças a essa virada em direção às práticas, a história do esporte, que antes era tema de amadores, tornou-se profissionalizada, um campo com suas próprias revistas, como o *International Journal of History of Sport*. [grifos meus] (BURKE, 2005, p.78).

¹⁰ Tratarei com mais profundidade as contribuições de Norbert Elias e Pierre Bourdieu no próximo ponto do projeto.

¹¹ Revista Estudos Históricos, vol. 13, nº23, 1999.

¹² MELO & FORTES, p. 31, 2010.

¹³ Falar dos trabalhos encontrados nos PPGS.

¹⁴ MELO, V. A. . Esporte e lazer: conceitos uma introdução histórica. 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010; MELO, V. A. (Org.) . Lazer: olhares multidisciplinares. 1. ed. campinas: Atomo e Alinea, 2010. MELO, V. A. (Org.) . Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX.. 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010; MELO, V. A. (Org.) . História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais. 1a. ed. São Paulo: Unesp, 2009.



De valor também tem sido suas preocupações metodológicas, pois tem elaborado importantes conceitos para a História, a partir da Sociologia do Esporte.¹⁵

No Rio Grande do Sul, o esporte tem despertado interesse acadêmico somente a partir dos últimos anos, principalmente pelos profissionais da Educação Física. Anteriormente, houve publicações gerais sobre o esporte, mas nenhum de cunho acadêmico ou historiográfico. Em 1919, em virtude da prática de diversos esportes em Porto Alegre, compilou-se um livro chamado *Rio-Grandense Sportivo – Foot-Ball, Lawn Tennis, Remo e Turfe*. É uma espécie de catálogo com os principais campeões em cada modalidade esportiva. Infelizmente não encontrei nenhuma referência sobre o boxe, mas percebi, por dados e imagens, que o esporte já fazia parte da sociedade porto-alegrense, principalmente como lazer da elite.¹⁶

No livro *Aspectos Gerais de Porto Alegre*, de Fortunato Pimentel, publicado 1945, o esporte já recebe maior atenção. Segundo Pimentel, foi em Porto Alegre que surgiu pela primeira vez a prática da Educação Física, através da Sociedade de Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA), em 1867. Pouco tempo depois, surgiram vários clubes de Remo, como o Clube Guaíba, em 1892. O Rio Grande do Sul ainda foi precursor em outras modalidades, como hipismo, xadrez e ciclismo.¹⁷

Um ponto fundamental é saber como era a Porto Alegre das primeiras décadas do século XX, onde estes pugilistas negros viviam. Segundo Bittencourt Jr., a cidade de Porto Alegre foi “testemunha de uma mobilidade territorial demarcada por ampla exclusão social, no período após a abolição dos negros escravizados, quando famílias foram obrigadas a se mudarem de lugares sem nenhuma estrutura, para outros piores”.¹⁸ Portanto, estudar a própria formação de bairros negros em Porto Alegre é crucial para compreender o ambiente social vividos por estes pugilistas.¹⁹

É curioso saber que em Porto Alegre, cidade que historicamente foi uma das primeiras a praticar esportes no Brasil, exista pouca produção bibliográfica. Isso me motiva a estudar o boxe, como uma modalidade esportiva, principalmente pela sua pertinência historiográfica.

¹⁵ Victor de Melo tem se apropriado de conceitos de Pierre Bourdieu, como de campo, habitus e capital simbólico, para suas pesquisas sobre o Esporte no Brasil.

¹⁶ LEMOS, Antenor e CARVALHO, Edmundo. *Rio Grandense Sportivo*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1919.

¹⁷ PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais de Porto Alegre*. Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial de Porto Alegre, 1945.(p. 180)

¹⁸ BITTENCOURT JR., Iosvaldyr Carvalho. Territórios Negros. In: SANTOS, Irene (org) *Negro em Preto e Branco: história fotográfica da população negra em Porto Alegre*. Porto Alegre, 2005.

¹⁹ A exemplo da pesquisa de Eduardo Kersting: *Negros e modernidade urbana em Porto Alegre: a colônia africana (1890-1920)*. Dissertação de mestrado. PPG em História UFRGS, 1998.



O boxe está no grupo dos esportes mais antigos do planeta. Os combatentes constituíam uma prática informal, sem regras: dois oponentes ficavam frente a frente e atacavam-se mutuamente com golpes dados com as mãos.²⁰ Já o boxe moderno surgiu na Inglaterra em meados do século XIX.²¹ A palavra “boxe” deriva da expressão em inglês “to box”, que significa bater. John Graham Chambers, um esportista e grande entusiasta do boxe, criou as regras que fundaram o boxe como esporte moderno: as Regras do Marquês de Queensberry. Estas regras não apenas garantiam maior segurança aos pugilistas, como permitiram que o boxe se divulgasse por todo mundo.²²

Dentre as principais mudanças entre o boxe moderno para o anterior praticado, estão: “todas as lutas deverão acontecer em um ringue de lutas apropriado, cada assalto deverá ter 3 minutos de duração, com um intervalo de descanso de 1 minuto entre eles, os pugilistas deverão usar luvas de boxe, novas e de boa qualidade.”²³ Se antes o boxe era motivo de crítica por sua violência e ausência de regras bem definidas, a partir de 1865 o boxe passa a ser valorizado em vários países do mundo e, principalmente, nos Estados Unidos.

No Brasil, o boxe chegou no início do século XX. As primeiras exibições de boxe em solo brasileiro ocorreram ainda no “reinado” do grande Jack Johnson, mais precisamente, por cerca de 1910.²⁴ Consistiam de exibições feitas por marinheiros europeus, que tinham aportado em Santos e no Rio de Janeiro. Os marinheiros pertenciam a classes populares, por isso, este esporte divulgou-se entre aqueles mais marginalizados da sociedade.

Segundo Vieira & Freitas,

Nos primeiros anos do século XX, mal se ouvia falar em boxe no Brasil. A modalidade permanecia quase desconhecida por aqui e a pouca informação relativa ao esporte vinha das comunidades de imigrantes de São Paulo. A novidade ganhou realmente a cena pela primeira vez em 1913.²⁵

Neste ano acima explicitado um ex-boxeador estrangeiro, de origem francesa, havia desembarcado no porto de Santos. Um remador paulista chamado Luiz Sucupira, que nunca

²⁰ A expressão para essa luta inicialmente era “pugilato”. VIEIRA, Silvia & FREITAS, Armando. O que é boxe? História, Regras e Curiosidades. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

²¹ Segundo Cesareia, o boxe na antiguidade era conhecido como pugilismo, e era um desporto olímpico. [Eusébio de Cesareia](#), *Crônica*, 70, *As olimpíadas gregas, Lista das olimpíadas desde a primeira até a 247ª*.

²² O boxe era chamado de forma depreciativa como o esporte do murro. É importante salientar que o boxe não era considerado como esporte, e a partir da formulação das regras, o boxe pode se consolidar como esporte moderno.

²³ FÁRIA, Antônio Latorre. *Boxe ao alcance de todos*. Editora Editouro: São Paulo, 1981.

²⁴ Waldemar Zumbano: *o Box ao Alcance de Todos*.

²⁵ VIEIRA & FREITAS, 2007, p. 18



tinha calçado um par de luvas, aceitou o confronto. Lançando mais da técnica do que da força, o francês levou o remador à lona em poucos minutos. Esta teria sido batizada a primeira luta de boxe do Brasil.²⁶ A passagem constante de lutadores de boxe internacionais pelos porto brasileiros (Rio de Janeiro, Santos, Porto Alegre, dentre outros) foi fundamental para o conhecimento da prática pugilística.

Outro fator importante para a divulgação do boxe pelo Brasil, foram as disputas de títulos mundiais apresentados no cinema.²⁷ É o caso da memorável luta entre Jack Dempsey (norte-americano) e George Carpentier (francês), em 1921. Segundo Oliveira e Miranda Rosa “Pode-se considerar, em verdade, o combate entre o “Tigre de Utah” [Dempsey] e o científico Carpentier, como marco inicial da implantação definitiva, no campo esportivo brasileiro, dessa modalidade.”²⁸ Imagino que depois de assistir as lutas no cinema, muitos procurassem maneiras de praticar ou assistir exibições de boxe no porto da cidade.²⁹

Em 1923, ocorreu uma fatalidade para o boxe brasileiro. Benedito dos Santos, o Ditão, que possuía pouca experiência, enfrentou o campeão italiano Hermínio Spalla e foi duramente nocauteado. A situação foi tão grave que Ditão sofreu um derrame e posteriormente faleceu. Com isso, o boxe foi proibido durante um ano. O livro *O Pugilismo*, de 1924, de Taciano de Oliveira e Miranda Rosa demonstra a preocupação com o futuro da Nobre Arte: “Ademais, o Box nunca foi encarado com boa vontade entre nós, simplesmente pelos característicos de selvageria que a sua prática proporciona”.³⁰

Segundo Vieira e Freitas, “na virada dos anos 1920 para os 1930, já novamente liberado o boxe retornou gradativamente o ritmo de crescimento e passou por uma fase de real profissionalismo.”³¹ Na década de 1930 o boxe alcança maior popularização, principalmente pela criação da Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro e da Federação Paulista de Boxe, o que abre espaço para a chamada consolidação do boxe, inclusive Rio Grande do Sul.

O que se torna perceptível nas obras apresentadas sobre o boxe é a limitação dos escritores em apenas narrar os fatos mais marcantes do boxe. Suas preocupações não

²⁶ Esta luta também é relatada por Waldemar Zumbano. Ver: ZUMBANO, Waldemar. O boxe ao alcance de todos. Editora Brasense Ltda: São Paulo, 1951.

²⁷ Em Porto Alegre, haviam vários cinemas: Cinema Odeon, Variedades, Recreio Ideal, Grande Prix, Cinema Guarani, Parisiense, Anglo-Americano, Smart-Salão, Cinema Avenda, Cinema Central e Crinema Isis. Ver: RUSCHEL, Nilo. *A rua da Praia*. Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1971.

²⁸ OLIVEIRA & MIRANDA ROSA. *O pugilismo*. Imprensa Methodista, S. Paulo, 1924. (p. 47)

²⁹ O porto é aqui percebido como um lugar de sociabilidade. Enquanto o boxe era ilegal e clandestino, o principal contato com a nobre arte dava-se a partir do porto.

³⁰ OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, *Op. Cit.*, p. 48.

³¹ VIEIRA & FREITAS, *Op. Cit.*, p. 22.



versavam em utilização de documentos, muito menos numa metodologia de análise que pudesse tratar de um objeto específico de conhecimento. O primeiro texto sobre o boxe no Brasil, *O Pugilismo*, de Taciano de Oliveira e Miranda Rosa, foi escrito no contexto da maior tragédia ocorrida no boxe brasileiro, a morte de Benedito dos Santos.

O livro de Waldemar Zumbano, *O boxe ao alcance de todos*, de 1951, não trouxe novas informações sobre o boxe, a não ser o que ocorreu de mais marcante nas décadas de 1930 e 1940, como a criação do Conselho de Esportes e de diversas federações de boxe no país. O pequeno livro *O que é boxe?*, de Silvia Vieira e Armando Freitas, de 2007, discorre sobre a importância de Eder Jofre e de Adilson Maguila no cenário internacional. Portanto, em relação ao boxe no Brasil e no Rio Grande do Sul, os textos são limitados em todos os sentidos.

Dentro deste contexto é que surge a importância de um trabalho de história mais focado na vida de pugilistas negros e todos seus desafios, dentro e fora do ringue. Seus espaços de sociabilidade: no ringue, na academia, no porto, nas ruas. Mas para além de uma perspectiva mais social, que busca compreendê-los em suas próprias experiências, creio que a questão racial é fundamental para este trabalho. O boxe pode ser aquele *lôcus* de análise que permite compreender as diferenças raciais de uma sociedade (neste caso, Porto Alegre) de forma mais aparente.

3. Algumas Fontes de Pesquisa

As fontes principais desta pesquisa são os jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, depositados no Museu de Comunicação Hipólito da Costa; os processos criminais de Porto Alegre, guardados no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul; e as fotos, atas administrativas e alguns registros pessoais do Arquivo da Federação de Pugilismo do Rio Grande do Sul.

Nos jornais do *Correio do Povo*, entre os anos de 1910 e 1920, encontrei uma coluna chamada *Notas Sportiva*, onde apareciam diversas informações das modalidades praticadas naquela época: Remo, Foot-Ball, Gynastica, Jogo de Bola, Golf, Hipismo, Turfe, dentre outros. Minha grande surpresa foi quando encontrei a primeira referência sobre o “box”, no *Jornal Correio do Povo*, em 20 de janeiro de 1920:



BOX – No match de Box realizado no Circo de Paris, o bouxer espanhol Manoel derrotou o francez Dramant, em 10 rounds. A Federação Francesa de Box, de acordo com o governo, acaba de proibir a pratica de Box em público, aos menos de 16 anos. Assim, pois doravante, em França, só com o surgir das barbas poderão os rapazes aparecer em público como boxeurs.³²

Apesar de se tratar apenas de uma notícia sobre o boxe na França, esta informação foi importante para mostrar como os porto-alegrenses estavam acostumados a receber notícias sobre o boxe em vários lugares do mundo. Mas será que o contato era apenas pelo jornal? A maior surpresa se deu em seqüência, quando encontrei uma luta ocorrida em Porto Alegre, no mesmo ano:

LUTA ROMANA – Acha-se novamente nesta capital o campeão de box e luta romana Max Gallant, de reconhecido valor. Em 1918, esse campeão esteve aqui alcançando franco sucesso não só nos matchs de luta romana, como nas provas de força em que se exhibiu. Mas Max Galant volta agora de uma torneé que resultou pelas repúblicas do Pacífico, tendo vencido o prêmio de quinze mil dollars num match que jogou no Panamá, com o campeão Jack Smit. Esta luta durou mais de duas horas, recebendo Gallant as maiores provas de apreço pelo sucesso obtido. Aproveitando a sua estada aqui, Max Galant pretende jogar um match de luta romana e exhibir-se em trabalho de Athetismo.³³

O interessante deste documento é mostrar que os porto-alegrenses não só recebiam notícias sobre lutas de boxe em jornais, ou assistiam cenas das disputas mundiais no cinema, mas como estavam acostumados a assistir ao vivo lutas de boxe. O próprio boxeador Max Gallant estava de passagem em Porto Alegre e, aliás, já havia vindo outras vezes. Em apenas alguns dias foi comunicado para toda sociedade porto-alegrense o oponente de Max Gallant

LUTA ROMANA – Está resolvido que o conhecido campeão Max Gallant jogará um Macth, nesta capital. Bater-se-á com o campeão alemão Lobmaier, que dentro de poucos dias, chegará de Buenos Aires. O encontro dar-se-á no Cinema Theatro Guarany, havendo para o mesmo franco entusiasmo. O prêmio instituído para este macth é de 2:000\$000, sendo 70% para o vencedor e 30% para o perdedor. A luta vae ser empolgante, dado o valor não só de Galant como de seu oponente. O mach será até que um dos lutadores saia vencedor.³⁴

³² MCSJHC, Jornal Correio do Povo, 20 de janeiro de 1920.

³³ MCSJHC, Jornal Correio do Povo, 22 de janeiro de 1920.

³⁴ MCSJHC, Jornal Correio do Povo, 25 de janeiro de 1920.



Nos dias que se seguiu esta reportagem, o Correio do Povo enfatizou todos os dias o embate de luta romana entre Gallant e Lobmaier. No dia da luta, inclusive, a coluna *Notas Sportiva* deu total espaço para informações a respeito do combate. Apesar de não ser uma luta de boxe, Gallant foi considerado na outra notícia como *boxeurs*. Além de luta-romana e *bouxeus*, Gallant também fazia exposições de atletismo.

Outro exemplo de como as fontes de pesquisa - neste caso os jornais -, pode ajudar é a partir de um relato do jornal Diário de Notícias:

BOX – Desejando intensificar, nesta capital, o gosto pelo box, a veterana Associação de Moços resolveu criar em seu departamento de Educação Física, um curso destinado exclusivamente ao cultivo deste desporto. O curso compreenderá ginástica especial apropriada ao futuro exercício de luvas, assim, como a prática dos diversos golpes de ataque e defesa, tudo rigorosamente sobre o ponto de vista do box amateur.³⁵

Dez anos depois, o boxe já estava mais presente na vida dos porto-alegrenses. Diferente do que algumas referências bibliográficas indicavam, segundo esta notícia surgia uma espécie de academia primitiva para “o exercício de luvas”. Este registro torna-se importante, no sentido de indicar o crescimento do gosto pelo boxe, bem como a procura do pugilismo pelos gaúchos. O que fiz aqui foi apenas uma demonstração de como as fontes me ajudarão a escrever a tese que me proponho.

Além dos jornais, escolhi os processos criminais como outra fonte que permitirá ver o surgimento do boxe e os conflitos sociais com as autoridades locais. Através de um mapeamento dos principais pugilistas (utilizando o nome como fio condutor), pretendo pesquisar o aparecimento de confusões ou embates durante ou depois das lutas. A questão da honra e da dignidade são importantes neste sentido.

O Acervo disponível na Federação Rio-Grandense de Pugilismo é muito valioso, pois dispõem de arquivos pessoais de ex-pugilistas, treinadores e investidores. É o caso do Prof. João Avelino, que além de contador e professor na área de Economia da UFRGS, mantinha uma coluna no Diário de Notícias chamada “Luvas de Ouro”, entre as décadas de 1950 e 1960. Aveline era também um entusiasta do boxe, e ajudou a construir o Estadinho, onde ocorriam diversas competições de boxe. Quando Jorge Aveline faleceu, sua esposa levou tudo que ele possuía sobre boxe em seu escritório para a Federação Rio-Grandense de Pugilismo.

³⁵ MCSHJC, Jornal Diário de Notícias, 2 de dezembro de 1930.



Outra contribuição importante para este projeto de tese são as entrevistas com ex-boxeadores ou pessoas que participaram do universo do boxe no período em que pretende investigar essa tese:

- **Paulo “Cafuringa” Petinga** – ex-boxeador da década de 1980, treinado por Antônio Santos, o Trovão. Atualmente técnico de boxe e Diretor da Federação Rio-Grandense de Pugilismo. (nascido em 1955, 56 anos)
- **Antônio Carlos Moreira** – Assistia a vários campeonatos de boxe locais, em Porto Alegre, durante as décadas de 1940 e 1950. (Nascido em 1922, 88 anos)
- **Marcos Antônio “Vuca” Fernandes** – Aprendeu boxe na Marinha, disputou torneios locais na década de 1970. Foi treinado por Vinícius Pacheco e Sérgio Costa. Conheceu Éder Jofre. (Nasceu em 1956, 55 anos)
- **Rui “Surdo” Dutra** – Campeão gaúcho de boxe em 1947 e 1948. (Nasceu em 1932, 79 anos)
- **Vinícius Guariglia** – Lutou boxe e esgrima nas décadas de 1960. Atualmente é o Presidente da Federação Rio-Grandense de Pugilismo. (Nasceu em 1945, 66 anos)

Tomando como exemplo o trabalho de Marcel Diego Tonini, *Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)*, que entrevistou jogadores, treinadores, árbitros, todos pertencentes à comunidade negra, a ideia é utilizar os procedimentos da História Oral e buscar captar todas as narrativas e memórias das experiências de vida daqueles que estiveram envolvidos no boxe gaúcho.³⁶

4. Últimas Palavras

Propomo-nos neste texto apresentar as primeiras considerações a respeito de uma pesquisa preliminar sobre as trajetórias de pugilistas negros em Porto Alegre, entre os anos de 1920 e 1970. Por se tratar de uma pesquisa inicial, trouxemos uma justificativa pessoal e

³⁶ História Oral, para Meihy e Holanda, significa “um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição para o uso: arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. MEIHY, José Carlos & HOLANDA, Fabiola. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007. (p. 15.)



acadêmica para a realização do trabalho, seus principais objetivos, uma revisão bibliográfica sobre o tema e também uma pequena apreciação de fontes primárias.

Creemos que já é hora de realizar uma pesquisa sobre o Esporte e, especificamente, sobre o Boxe, pois nos próximos anos teremos em nosso país dois grandes eventos esportivos: a Copa do Mundo, em 2014, e as Olimpíadas, em 2016. Pesquisas como esta, poderão contribuir para a divulgação da nossa História do Esporte, já que países de todo mundo estarão focados no Brasil.

Enfim, temos muito trabalho pela frente. Esta foi nossa primeira exposição sobre a temática do boxe. E neste texto me propus em mostrar questões mais amplas daquilo que pretendo investigar com mais profundidade no doutorado. Uma de nossas principais preocupações é realizar uma pesquisa sobre as vivências dos pugilistas negros gaúchos, buscando compreender suas vidas como o resultado de diversos conflitos sociais como, identidade, racismo, trabalho, etc. É um trabalho sobre a História do Esporte, mas ingresso também na História Social.

Bibliografia

- ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo (1988-1988)**. EDUSP: Bauru, 1998.
- BRANDÃO, Leonardo. O esporte e a escrita da história: novos desafios. **CES Revista**, v. 24, Juiz de Fora, 2010
- _____. Esportes de ação: notas para uma pesquisa acadêmica. **Rev. Bras. de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 32, nº1, set, 2010.
- BOOTH, Douglas. História do Esporte: abordagens em mutação. **Recorde: Revista de História do Esporte**, vol. 4, n.1, junho de 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. Brasilense: São Paulo, 1990.
- _____. **Questões de Sociologia**. Marco Zero: Rio de Janeiro, 1983.
- _____. **Razões Práticas**: sobre teoria da ação. Papyrus: Campinas, 1996.
- _____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Editora Perspectiva S.A: São Paulo, 1987.
- _____. **Pierre Bourdieu**: sociologia / org. Renato Ortiz. Ática: São Paulo, 1983.
- _____. **O Poder Simbólico**. Ed. Bertrand: Rio de Janeiro, 2011.



- FALCÃO, Jairo Luiz Fleck. **Cooperação, experiência e sobrevivência**: a história dos trabalhadores do Porto de Porto Alegre. Tese de Doutorado. PPG em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009.
- FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1964.
- FOOTE WHYTE, William. **Sociedade de Esquina**. Ed. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2005.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Educação Física, ciência e saúde: notas sobre o acervo do Centro de Memória do Esporte (UFRGS). **Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 17, nº2. Abr-jun, 2010.
- GRAHAM, Jéssica. Joe Loius contra Max Schmeling e a nova ideologia da democracia racial nos Estados Unidos. **Revista Tempo**, nº 25, 2008.
- MARTINS, Carlos e ALTMANN, Helena. Características do Esporte Moderno segundo Elias e Dunning. In: **X Simpósio Internacional Processo Civilizador**, abril, 2007.
- MASCARENHAS DE JESUS, Gilmar. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**, nº 23, 1999.
- MINTZ, Sidney e PRICE, Richard. **O nascimento da cultura Afro-Americana. Uma perspectiva antropológica**. Edição revista de 1992, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Pallas-Universidade Cândido Mendes, 2003, p.113.
- MIRANDA ROSA, A. & OLIVEIRA, Taciano. **O pugilismo**. Imprensa Metodista: São Paulo, 1924.
- MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso e GODOY, Letícia. As referências de Pierre Bourdieu e Norbert Elias na Revista Brasileira de ciências do esporte. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 30, nº2., jan, 2009.
- MELO, Victor Andrade de. A presença e a importância do esporte na América Latina: potencialidades e possibilidades do uso do método da história comparada. **Espacio Aberto – Cuaderno Venezolano de Sociologia**. Vol. 18, Nº1, março/2009.
- _____. **Cidade Sportiva**: os primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro. Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2001.
- _____. Apontamentos para uma história comparada do esporte: um modelo heurístico. **Rev. Bras. de Educação Física e Esporte de São Paulo**, v. 24, nº1, jan-mar, 2010.
- _____. História do Esporte: panorama e perspectivas. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 12, nº22, jul/dez, 2010.



_____. História da Educação Física e do Esporte no Brasil - Panorama, perspectivas e problemas. **Revista Eletrônica de História do Brasil**, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 12-31, maio, 1997.

_____. & FORTES, Rafael. História do Esporte: panorama e perspectivas. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 12, n. 22, jul/dez, 2010.

NUNES, Cláudio. **Corpos na arena**: um olhar etnográfico sobre a prática das artes marciais combinadas. Dissertação de mestrado. PPG em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

LATORRE DE FARIA, Antônio. **Boxe: ao alcance de todos**. Ediouro: São Paulo, 1985.

OLIVEIRA, Taciano de e MIRANDA ROSAS, D. de. **O pugilismo**. Imprensa Methodista: São Paulo, 1924.

RODRIGUES, Francisco Xavier. Pierre Bourdieu: esquema analítico e contribuição para uma teoria do conhecimento na Sociologia do Esporte. In: **Sociedade e Cultura**, v. 8, n.1, jan/jun, 2005.

SOUZA, Márcio e ASSUMPCÃO, Luís. A identidade nacional e os atletas brasileiros: Éder Jofre e seu lugar na memória. **Educação Física em Revista**, v. 01, 2007.

SOUZA, Juliano e MARCHI JR., Wanderley. Anotações para uma sociologia reflexiva do esporte. In: **XII Simpósio Internacional Processo Civilizador**, Nov, 2009.

SANTOS, Irene (org). **Negro em Preto e Branco**: história fotográfica da população negra em Porto Alegre. Porto Alegre, S/e, 2005.

SANTOS, Jorge Artur dos. **Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil (1890-1937)**. Dissertação de Mestrado. PPG em História da Universidade do Estado de São Paulo, 2007.

PRIORE, Mary Del & MELO, Victor Andrade. **História do esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. UNESP: São Paulo, 2009.

PARDINI, Melina Nóbrega Miranda. **A narrativa da ordem e a voz da multidão**: o futebol e a imprensa durante o Estado Novo (1937-1945). Dissertação de Mestrado. PPG em História da Universidade do Estado de São Paulo, 2009.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2002.



TONINI, Marcelo Diego. **Além dos gramados:** história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010) Tese de Doutorado. PPG da Universidade do Estado de São Paulo. 2010.

VIEIRA, Silveira e FREITAS, Armando. **O que é Boxe?.** Casa da Palavra: Rio de Janeiro, 2007.

ZUMBANO, Waldemar. **O box ao alcance de todos.** Editora Brasilense Ltda: São Paulo, 1951.

Recebido em Setembro de 2011
Aprovado em Outubro de 2011